

Entrevista:

NARRATIVA DOCENTE E LEGADO EDUCACIONAL: ENTREVISTA COM A PROFESSORA DIOCLEIDE LIMA FERREIRA

Teacher's narrative and educational legacy: an interview with professor diocleide lima ferreira

Narrativa docente y legado educativo: entrevista con la profesora diocleide lima ferreira

Data de recebimento: 05/05/2026

Diocleide Lima Ferreira¹

Data de publicação: 30/07/2026

Antonia Karinny do Nascimento Marques²

RESUMO

Entrevista realizada em 2020 com a professora Diocleide Lima Ferreira (*in memoriam*), docente do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), entre os anos de 2003 a 2022. A entrevista foi efetuada no contexto de uma pesquisa de mestrado sobre formação docente e o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). O Diálogo abordou elementos de sua trajetória pessoal, suas experiências escolares, sua formação universitária e sua atuação no PIBID, a partir do subprojeto de Sociologia. O compartilhamento desse texto objetiva homenagear a trajetória da professora Diocleide, de modo a reconhecer a sua contribuição e o seu compromisso com a universidade pública e com a formação crítica em Ciências Sociais.

Palavras-chave: Ciências Sociais. Iniciação à docência. PIBID Sociologia.

ABSTRACT

This interview was conducted in 2020 with Professor Diocleide Lima Ferreira (*in memoriam*), who taught in the Social Sciences Program at the State University Vale do Acaraú (UVA) from 2003 to 2022. The interview was carried out within the framework of a master's research project

¹ *In memoriam* - Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), mestra em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e graduada em Ciências Sociais (licenciatura) pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora da área de Sociologia do curso de Ciências Sociais e professora permanente do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO) – Universidade Estadual Vale do Acaraú (UEVA).

² Graduada em Ciências Sociais (licenciatura) pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UEVA), mestre em Sociologia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UEVA). Professora de Sociologia da Secretaria da Educação do estado do Ceará (SEDUC-CE). E-mail: antoni.marques1@prof.ce.gov.br

on teacher education and the Institutional Teaching Initiation Scholarship Program (PIBID). The conversation explores aspects of her personal trajectory, school experiences, university education, and her work in PIBID through the Sociology subproject. By making this interview publicly available, the authors seek to honor Professor Diocleide's legacy, recognizing her contributions and her enduring commitment to public higher education and to the critical education of Social Sciences students.

Keywords: Social Sciences. Teacher Education. PIBID Sociology.

RESUMEN

Entrevista realizada en 2020 a la profesora Diocleide Lima Ferreira (*in memoriam*), docente de la Carrera de Ciencias Sociales de la Universidad Estadual Vale do Acaraú (UEVA), entre los años 2003 y 2022. La entrevista se llevó a cabo en el marco de una investigación de maestría sobre la formación docente y el Programa Institucional de Becas de Iniciación a la Docencia (PIBID). El diálogo abordó aspectos de su trayectoria personal, sus experiencias escolares, su formación universitaria y su labor en el PIBID, a partir del subproyecto de Sociología. La publicación de este texto tiene como objetivo rendir homenaje a la trayectoria de la profesora Diocleide, reconociendo su contribución y su compromiso con la universidad pública y con la formación crítica en Ciencias Sociales.

Palabras clave: Ciencias Sociales. Iniciación a la Docencia. PIBID Sociología.

DIMENSÃO I: ORIGEM SOCIAL, ESCOLAR E DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE

Karinny: Fale sobre sua origem, relacionamentos familiares na Infância e adolescência. Trajetória escolar na educação básica, escolas públicas, privadas ou ambas. O seu ensino fundamental e Médio, dificuldades, anseios. A escolha pelo curso da graduação se deu no decorrer do percurso da educação básica?

Diocleide: As lembranças que tenho da minha infância são a partir dos meus quatro anos de idade... Eu sou a mais velha de três filhas mulheres. Meu pai era operário e minha mãe ficava em casa com a gente, dona de casa como o povo diz. Meu pai e minha mãe cresceram no meio rural e migraram para a periferia de Fortaleza ainda na minha infância, nós sobrevivíamos com um salário mínimo, renda do meu pai. Um tempo depois meu pai começou a trabalhar numa indústria de cervejaria e com quatro anos de idade eu comecei a estudar, ingressei em uma escola da rede privada de educação, mas não porque tínhamos condições financeiras e sim por a indústria onde meu pai trabalhava, ofertava bolsas de estudo aos filhos dos funcionários em escolas da rede privada. Estudei todo meu ensino da educação básica com bolsa, desde o fundamental ao médio.

Mas foi no momento em que a gente foi pra cidade que meu pai começou a estabelecer uma relação com a educação de forma diferenciada. Meu pai sempre dizia “duas coisas valem nessa vida: a terra e o estudo” meu pai era a pessoa mais feminista da nossa casa, desde criança ele dizia que a gente nunca devia se encantar com homem, que homem não prestava e se a gente não quisesse viver às custas de homem, a gente tinha que estudar para trabalhar, porque mulher que dependia de homem, se o homem não respeitasse ela, ela ia e apanhava do homem”. Ele dizia “não me tomem como exemplo”. *(Esta foi a primeira vez que ela se emocionou, ao falar do pai)*. Meu pai foi e é a figura mais importante quando eu lembro da minha trajetória, as lições que ele me dava, pra mim e minhas irmãs, eu levo até hoje e levarei sempre. Um exemplo é, foi sobre o feminismo, eu não tinha nem noção desse movimento e ele já nos dava lições sobre ele. Diferente da minha mãe... ela não, pra ela a gente, mulher, tinha era que casar, “um bom casamento” ela dizia... pra ela era mais importante que uma mulher casasse do que se preocupar com estudos. Veja bem... *(risos)*

Quando eu concluí o ensino médio, logo depois meu pai se aposentou aí ele construiu um comércio ao longo da vida e com o dinheiro da aposentadoria, nesse meio tempo, pra ele eu devia ingressar na universidade, continuar os estudos, né?! Eu já tinha isso em mente, inclusive a escolha pelo curso se deu ainda durante essa fase de conclusão da educação básica... *(risos)* Advinha porquê? Por influência indireta da Igreja Católica, por meio dos encontros de crisma e o contato com grupos vinculados a Teologia da Libertação, esse contato foi fundamental para minhas escolhas e aptidões futuras, pois foi a partir das discussões geradas em rodas de conversas na calçada da igreja que o desejo por compreender as questões da sociedade foram surgindo, foi nesse momento, também, que houve meu primeiro contato com a obra de Marx através de “O capital”.

Foi essa bagagem que me levou a escolher o curso, desde jovem eu sempre me envolvi nos movimentos revolucionários, uns grupos que eu fazia parte na educação básica e que perdura até hoje, nos sindicatos e movimentos sociais, das questões do passado, presente e futuras, pois a gente sabe que a luta nunca acaba, né, Karinny?!

Quando eu entro na universidade, a formação durante a graduação, nos anos noventa, era baseada no modelo três mais um, voltada ao bacharelado. Aí acrescentava um ano com disciplinas na área de educação para obtenção da licenciatura. Quando optei pela licenciatura foi mais por medo de fazer a monografia no final do curso, porque esse era o requisito para se tornar uma bacharela. Aí foi por isso que eu fui para a licenciatura e não por que eu queria ser professora. Eu queria ser pesquisadora e não professora, não na educação básica, pelo menos.

DIMENSÃO II: CARREIRA ACADÊMICA

Karinny: Qual sua área de formação, disciplinas que ministra, temas de pesquisas? Onde lecionou ou leciona? Quando, como e por que se tornou coordenadora do PIBID? Sua atuação no PIBID influenciou, redirecionou seu trabalho como pesquisadora? Qual papel que a coordenação do PIBID tem no desenvolvimento de sua carreira institucional?

Diocleide: Mas o processo para minha entrada nas Ciências Sociais não foi assim tão fácil, porque eu queria esse curso, mas meu pai queria que fizesse outro curso. Para ele, o curso de Ciências Sociais não seria uma boa opção por não dar dinheiro. Por não gerar capital econômico. O desejo dele, pai, apesar de aceitar minha vontade de filha. Tempos depois, era o que eu fizesse um curso que desse status e dinheiro, economia ou direito. Eu até fiz o vestibular para economia, passei (*risos*). Passei, mas disse que não tinha passado para não assumir a vaga. Ora, eu queria mesmo era Ciências Sociais (*risos*). E assim foi... Aí em 1993 eu fiz o vestibular pra Ciências Sociais na UFC e passei. Como eu disse anteriormente, optei pela licenciatura porque o bacharelado tinha o TCC e eu queria fugir dele (*risos*). Durante o curso fui bolsista CNPQ e atuei em alguns espaços dentro da universidade e fora, sempre gostei de estudar sobre os espaços e organizações das cidades. Mas pesquisei diversos temas: violência, juventude, cidadania, política local, crianças e adolescentes e estudos urbanos. Terminei a faculdade e no ano seguinte, em 1997, já ingressei no mestrado, também na UFC.

DIMENSÃO III: ATUALIZAÇÃO CIENTÍFICA E EDUCACIONAL, ANTES E DEPOIS DO PIBID

Karinny: Qual sua compreensão da realidade educacional brasileira, sobretudo, na educação básica, a partir do PIBID? Como o contato mais estreito com as escolas tem influenciado sua visão sobre a formação inicial de professores? A partir do PIBID, você refletiu sobre o ofício do magistério? Como a academia tem contribuído com esse ofício em todas as suas modalidades? Quais trocas significativas contribuíram para sua prática em sala de aula na graduação? O que você destaca em sua trajetória no PIBID, como essencial para sua formação como docente? Como você tem vivenciado, na universidade, o papel de mediador entre as funções pesquisa, ensino e extensão, depois da entrada no PIBID?

Diocleide: Quando eu volto do doutorado, já começo a atuar como coordenadora do subprojeto de Ciências Sociais. A participação no PIBID foi algo primordial para minha própria atuação nas salas de aula da graduação, professora das cadeiras de disciplinas pedagógicas, muitas vezes. Essa coordenação do PIBID me ajudou a fazer um deslocamento da ideia que eu tinha de formação docente, porque a ideia que eu tinha de formação, por conta da minha própria formação... Por conta, também, que nós criamos o PPC a partir de 2009, um redimensionamento da licenciatura, de pensar a licenciatura como algo mais profissionalizante, mais sistemático, com mais cuidado, acompanhamento a tudo. A partir de 2003, a carga horária das disciplinas didáticas e das práticas de ensino foi aumentada. Mesmo com a tentativa em fazer um maior acompanhamento das atividades de estágio e, apesar da ida a escola de educação básica, a grande novidade do PIBID, para mim, é a intensificação da presença do aluno na escola, porque o estágio tem a presença, mas não o contato com a carga horária tão intensiva. Com o PIBID foi perfeito. A formação do professor tem que ser dentro da escola mesmo.

Foi a partir dessa sacada, de fazer parte da formação de futuros professores e da formação continuada de professores atuantes, que nós percebemos o nosso papel enquanto coordenação, a importância dele, pois nós articulamos as ações juntamente com os demais bolsistas. Preparamos formações, grupos de estudos e outras atividades, mas a formação deles acontece na relação da teoria e da prática, da universidade e da educação básica. E um agente tão importante quanto nós (coordenação) é a supervisão. Apesar de eu buscar modificar estruturalmente a licenciatura na UVA, foi o PIBID que mudou completamente a minha visão de formação de professor, porque hoje, pra mim, o professor só se forma, de fato, se ele tiver no chão da escola e é a melhor formação.”

DIMENSÃO IV: CONDUÇÃO DO ENSINO

Karinny: Quais desafios/limitações foram enfrentados por você, em sua prática docente, a partir do PIBID nas disciplinas que leciona atualmente na universidade? Por ter participado do PIBID, você classifica como uma formação continuada com diferencial da de seus colegas da academia, que lecionam cadeiras pedagógicas na licenciatura em Ciências Sociais da UVA? Como você descreve sua trajetória profissional? Quais situações vivenciadas no âmbito do PIBID, você gostaria de destacar? A participação no PIBID fez você refletir sobre sua atividade docente? Foi realizada alguma revisão dos métodos, estratégias e rotinas de trabalho? Se sim, quais os resultados? Quais desafios/limitações foram enfrentados no sentido de efetivar a construção do saber da prática

107

docente no contexto do PIBID? Em sua opinião, quais as contribuições do PIBID para a formação docente continuada de professores das licenciaturas? Você acredita que sua formação, por ter participado do PIBID, foi diferente da vivenciada por seus colegas que não estavam no programa? Fale sobre a coordenação do PROFSOCIO, sobre como concilia o PIBID e o PROFSOCIO.

Diocleide: Bom... O PIBID forma melhor os alunos e a supervisão possui um papel ainda mais importante nessa formação. Essa geração de bolsistas da graduação, Karinny, possui o privilégio de serem acompanhados por supervisoras que foram igualmente bolsistas do programa na graduação e possuem certos “macetes” advindos do programa e da experiência. O PIBID deu uma reviravolta na vida de todo mundo, tanto na vida dos alunos que estudavam como bolsistas de docência, como na vida dos condutores do processo de formadores, nós professores da universidade e uma figurinha que a gente mal toca nela, mas são fundamentais, os professores supervisores que recebem os alunos na escola. Eles se formam novamente, formações continuadas no PIBID. A gente tá fazendo uma formação continuada com eles, porque eles se veem no processo, estão tendo contato com quem está se formando e conosco, os professores da universidade.

Eu como professora universitária, sempre estive imersa na busca por conhecimento, mesmo diante dos meus títulos e pesquisas. Mas foi no programa que eu repensei a formação de professores e, conseqüentemente, a organização das disciplinas pedagógicas do curso de Ciências Sociais da UVA. A gente discutia todo um processo teórico didático, não muito sistematizado da sociologia como disciplina no Ensino Médio... O que eu fazia? Discutia a parte teórica todinha da docência [nas disciplinas da graduação], prática docente, formação docente, numa sociologia “como sociólogo quer pensar o que é ser professor?”. Eu usava muito esse texto e, a partir desse texto, a gente pensava muito o professor de sociologia na região Norte. O conhecimento em si, de todo o universo da educação, sob o olhar dos pesquisadores é essencial. Mas o que faz com que conheçamos a realidade é o conhecimento da realidade por meio daqueles que as vivem. Quando a gente vai formar professor, no contexto do professor, eu acho necessário que se tenha o mínimo de conhecimento de onde que o profissional atua ou vai atuar, o que é feito, de que jeito é feito e isso era uma coisa que antes do PIBID não tínhamos. E olha que temos três realidades distintas em que os bolsistas atuam, uma escola profissionalizante, uma de tempo integral e uma regular. Já passamos por todo “tipo” de escola, em diversas situações, e sempre tivemos a preocupação em ter conhecimento sobre nosso público, justamente para buscar estratégias para instruir os bolsistas na dinâmica de preparação para o repasse do conteúdo. Enfim, sobre contribuições... só tenho a

agradecer ao PIBID... e sigo aprendendo bastante sobre formação docente. Esse acompanhamento que tenho junto aos pibidianos me faz estar sempre revisando minha própria prática.

Bom, muitas ações que a gente desenvolvia no subprojeto e eram muitas mesmo... Eu ficava muito orgulhosa do grupo que eu acompanhava, sentia que estava contribuindo e aprendendo com todas e todos. Eu recordo de muitas ações bacanas... intervenções... aulas pro ENEM, intervenções em grupo nas aulas, as esquetes teatrais junto com os alunos do ensino médio... Mas eu recordo da primeira vez em que eu acompanhei o grupo de pibidianos, inclusive tu tava, né, bichinha?! Era da primeira turma e foi uma turma muito boa... Pois bem, (*risos*) me lembro da primeira vez que acompanhei vocês. Eu fiquei admirada com a desenvoltura com a qual vocês ministraram aquela intervenção, você, o Lucas Eduardo, a Ana Régia, lá no Luís Felipe. A escola tava passando por uma reforma no prédio principal e a gente, a escola tava funcionando numa casa adaptada. Os professores do Estado estavam retornando de uma greve e a sala mal cabia a gente, mesmo assim vocês fizeram uma apresentação muito bacana, que... e depois, na avaliação dos alunos do ensino médio, eles avaliaram vocês positivamente. E foi daí pra mais e mais ações... teve também aquela feira de reciclagem, onde até os pibidianos de história foram aprender com vocês a como reciclar... (*risos*). Tudo, de alguma maneira, contribuía para minha prática, eu gostava muito de fazer esse acompanhamento. Depois das primeiras turmas, vieram outras seleções, aumentou o número de bolsas. A Rosângela começou a acompanhar metade dos pibidianos e eu a outra. Há, sim, ainda tinham as apresentações de trabalhos e eventos. Depois do PIBID, as produções cresceram muito na universidade. O incentivo era bom no início e mais uma vez, né, bichinha, tu foi que mais aproveitou e ainda influenciou outros do curso a submeterem trabalhos... Eu sempre dizia “a pibidiana que mais aproveitou as verbas do PIBID foi a Karinny”. Também no teu tempo tinha muito dinheiro (*risos*). Atualmente tô com muitas responsabilidades, a coordenação do mestrado profissional de sociologia é uma delas e por esse motivo as formações, bem como os planejamentos do PIBID, foram reduzidos e continuaram acontecendo com regularidade menor. Com relação a sua atuação nas escolas, no auxílio às atividades do programa, está condicionada à organização de cada uma das escolas. Então, estou meio afastada, mas acompanhando como posso. Para mim, tudo é destaque em minhas vivências dentro desse programa. Houve aquele choque e uma reconfiguração dele a partir de 2015, bem como a implantação do “Residência Pedagógica”. Mesmo diante desse meu distanciamento, comparado ao começo quando o PIBID chegou a universidade. No que posso, acompanho e acredito que uma das coisas mais gratificantes pra mim, pra nós né?! Que somos formadores de professores, na universidade, é gratificante olhar para vocês,

que saem da licenciatura em Ciências Sociais e adentram pós-graduações, coisas muito mais próximas do bacharelado, vocês sendo formados para o ensino e pesquisa. Formamos, ao mesmo tempo, professores e pesquisadores e professores de excelência, que se destacam, que passam em processos seletivos cada vez mais exigentes... tu mesma, junto com a Vanderlene e a Inês que passaram no concurso do Estado. Eu, que acompanhei toda tua trajetória também (*sorriso com emoção*), te ver passando pelos processos advindos da tua formação, as dificuldades iniciais que foram sendo superadas no programa. Eu lembro no teu TCC, quando eu te orientei, que te ajudou muito na universidade, tua entrada no programa. O ingresso nessa primeira turma do tão esperado mestrado na UVA, a finalização desse ciclo, em que eu também acompanho como sujeito (*emoção*). Eu olho pra tudo isso e vejo como valeu a pena aceitar esse desafio. E vamos continuar aceitando para ver cada vez mais nossos pupilos adentrando espaços e conquistando esses espaços e é isso... espero ter correspondido a sua expectativa.